

FINAL DE CONVERSA

- **Fechamento**
- **Revisando o Pai**

FECHAMENTO

À Guisa de posfácio, como se tal fora preciso

Tarcisio Pequeno é Professor Titular da UFC

Deve ter sido Bernard Shaw, que nada de melhor tendo a fazer entregava-se ao ofício de cunhar frases em quantidade industriais, para que as citássemos todos, quem fez também esta, que aqui cito em imperfeita tradução e alguma contribuição: “O homem sensato esforça-se por moldar-se à realidade; o insensato procura, ao contrário, moldar a realidade a si próprio; logo, todo o progresso se deve aos insensatos”. Mauro é um insensato. Isto é o que de menos se pode dele dizer. E não se trata de doido manso, inofensivo. Pelo contrário, inquieto e imparável como é, sua demência pode ser classificada como de alta periculosidade e de altos graus na escala Richter. Para os que o cercamos não há tranqüilidade ou acomodação possíveis, sempre a espicaçar-nos que está com seus inconformados projetos e benfazejas mirabolâncias. Mas como tudo que aflora uma causa oculta tem, o que este livro lhe terá revelado, caro leitor, é de onde vem o magma do qual seus feitos são feitos e de onde emboluem suas generosas idéias.

Como a que o faz cismor que o Ceará tem jeito, que esse jeito estaria em algum lugar entre a educação, a ciência a tecnologia e a inclusão. Não satisfeito com tamanha improbabilidade, deu de cismar, de tempos pra cá, que o Brasil é que tem jeito, se nos deixarem ajeitá-lo, diz. E aí, desajeitados ficamos é nós, seus próximos, sem jeito de nos negarmos diante do entusiasmo com que nos provoca e embaraça pela envergonhada acomodação.

Nem mesma a Da. Toinha, pacata e sensata senhora que me assessora na preguiça para as lides domésticas, tornando minha vida minimamente viável, e para quem tudo o que não se ajeita é porque ajeitado está, fica imune às nossas conversas e ao entusiasmo Mauriano, quando por vezes nos escuta como se ali nem estivesse nos dias, infelizmente cada vez menos freqüentes

desde que se foi à Brasília, em que madruga o Mauro em minha casa para um alentado café da manhã, que a manhã toda toma – “Fazer uma revolução nesse país é viável se combinarmos um projeto sério de educação com a inclusão tecnológica. O que é que estamos esperando?”; “Com a competência científica que acumulamos em tecnologias da informação nas nossas universidades nas últimas décadas, nada ficamos a dever a ninguém e temos todos os elementos para estabelecermos uma reputação tecnológica mundial nesse setor”; “Temos que insistir em um modelo autóctone de TV digital para sermos players (sic) respeitáveis na nova onda da globalização que tá pintando”. Por aí vai, ... ou vem. Vez em quando entoa máximas: “Navegar é preciso homem”; “Hay que conectar-se, pero sin perder la ternura”; ou será “Hay que enternecer-se, pero sin desconectar-se”. Já nem sei, tantas as admoestações que já tonto fico. Dona Toinha fica encantada, ela a quem já quase nada encanta – Esse seu amigo que parece o João Kleber e fala pelos *cutuvelos*, ainda vai dar o que falar. Vai Da. Toinha, vai, aquiesço.

Bem, esse livro que posfaceio mostra justamente quão afinal errado eu estava na minha apressada aquiescência à Da. Toinha. Vai não, o Mauro deu, dá e dará o que falar, na geografia que mais interessa. Na dos que ama e o amam. Já muito faz também, e muito já fez, embora isso já nem conte tanto, e por tanto encerro aqui minha arenga. Para alguém como ele, o que importa é o que ainda no livro não está. É o que ainda fará e será.

Cristo, no famoso sermão em que distribuiu benesses aos supostos desafortunados desse desafortunado planeta, ainda que não me recorde, ou que não se tenha registrado em qualquer evangelho, alguma coisa há de ter destinado aos loucos. Certamente não foi o mundo, pois este deles não é, assim como deste mundo também eles não são. A eles, é uma outra ordem de valores e de coisas que interessa. Deus, desconfio, destinou-lhes foi o reino dos sonhos, que a tão poucos é dado. A esse maluco, o Mauro, Deus cresceu o dom de quando sonha nos acordar.

REVISANDO O PAI

Confidencia-me, revisando o Pai. Afinal, é um momento especial de minha vida. Não imaginava que o Memorial ALEGRETE, um simples livro com 50 poesias, fosse tão significativo no imaginário que os 50 anos nos impõem. Ou no que queremos que os 50 nos imponha!

Memorial ALEGRETE me permitiu descobrir que amo minha família, meus amigos, meus sonhos, muito mais do que eu os imaginava amar. Amo a vida como ela é. Não como gostaria que fosse!

Memorial ALEGRETE me permitiu também um “break in my life”. Um sentimento de paz me invade ao encerrar Memorial ALEGRETE. Este sentimento inexplicável deve ter explicações. Não me interessa por elas. Arrisco pensar que, ao escrever Memorial ALEGRETE, estou revisando o Pai, novamente *observando sua estética, aprendendo sua gramática, decodificando sua sabedoria*, como citado no início, na “Feira de Caruaru”.

Revisar, em geral, referenda ou contesta. Ou nem um nem outro. Em todo caso, revisar deve ser pra frente. Revisar não deve gerar dúvidas, hesitações, lamentações, muito menos com as coisas do Pai. Assim, Memorial ALEGRETE revisa o Pai assumindo por inteiro as homenagens feitas.

Revisar o Pai no que foi dito, no que foi feito! Mas, principalmente, percebê-lo no que não foi dito, compreendê-lo no que não foi feito. É continuar o caminho iniciado e descobrir o que não foi dito nem feito. Caminhar no caminhar!

Revisar o Pai pode considerar-se “retrato”, se isso convier. A mim, convém! Obrigado meu Pai!